



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,
Luiz Inácio Lula da Silva, à Revista Encontro
Brasília, 18 de fevereiro de 2008**

Jornalista: Presidente Lula: quais são os projetos mais importantes do governo federal para Minas nestes próximos dois anos?

Presidente: Temos muitos projetos importantes em Minas Gerais. Dentro do PAC, concluímos em 2007 a duplicação da BR-050 entre Uberaba e Uberlândia, uma luta de muitos anos do estado. As obras de duplicação de 60 quilômetros da BR-153 e de 95 quilômetros da BR-365 deverão ser concluídas. A pavimentação de 136 quilômetros da BR-265, entre Illicínea e São Sebastião do Paraíso, estarão a pleno vapor. Na área de Habitação, há R\$ 1,45 bilhão para urbanização de favelas, como a de Morro das Pedras e Vila São José em Belo Horizonte, Bacia da Pampulha em Contagem, Morro Alto em Vespasiano entre muitas outras. Para o saneamento, são mais R\$ 1,2 bilhão para abastecimento de água, esgotamento sanitário e drenagem, além de obras estruturantes para a revitalização das bacias dos rios das Velhas, Paraopeba e Ribeirão da Mata, todos na bacia do rio São Francisco. Na área de energia, as obras da Usina Hidrelétrica de Simplício, na divisa com o Rio de Janeiro, caminharão para sua conclusão, os gasodutos GASBEL II e Paulínia-Jacutinga terão suas obras iniciadas. Em 2008, alcançaremos a universalização do atendimento através do Programa Luz para Todos. Esses são alguns dos muitos exemplos de projetos do PAC que teremos em Minas no próximo período, sem falar na ampliação do PROJOVEM, no PRONASCI, nos Territórios de Cidadania que levarão desenvolvimento ao campo e em todo investimento previsto em Educação, para que nossas crianças tenham uma educação de qualidade.



Jornalista: Muito se falou de que o Presidente, admitindo a alternância de Poder, veria com bons olhos a candidatura Aécio Neves pela oposição. O vice, neste caso poderia ser o ex-ministro Ciro Gomes do PSB, como chegou a circular em alguns meios políticos?

Presidente: Ainda é cedo para se falar em sucessão. Há muitos nomes bons, que podem viabilizar suas candidaturas. Na hora apropriada, escolherei o candidato que vou apoiar. No momento, minha única preocupação é governar bem, cumprir meus compromissos para com o povo brasileiro e deixar ao meu sucessor um País melhor do que o que encontrei.

Jornalista: Minas possui a segunda malha rodoviária federal do país. Qual o motivo da BR 040 trecho mineiro – de Juiz de Fora até a fronteira com Goiás próxima a Brasília, não ter tido investimentos compatíveis com sua importância? E porque não duplica a BR-040, entre Juiz de Fora e Belo Horizonte?

Presidente: O Ministério dos Transportes já executa várias ações em trechos da BR-040. Estão em andamento no trecho entre Belo Horizonte e Ouro Preto dois processos licitatórios para a contratação de serviços de conservação e para a elaboração de projeto executivo de restauração da pista. De Ouro Preto até o município de Ressaquinha, a rodovia possui trechos com terceira faixa, mas boa parte ainda é pista simples – por isso, vamos realizar outras duas licitações. Já no sentido Belo Horizonte/ Rio de Janeiro, estamos construindo o novo viaduto Vila Rica, uma obra de R\$ 30 milhões, prevista para terminar em agosto deste ano. Esse viaduto vai proporcionar maior segurança aos usuários e permitir maior fluidez no tráfego. Quero lembrar também que, recentemente, o trecho entre o município de Ressaquinha até a entrada de Oliveira Fortes



passou por obras de adequação. Além disso, o DNIT mantém contratos de conservação, pintura de faixa e tapa-buracos até a divisa com o Rio de Janeiro. No sentido Belo Horizonte/ Brasília novos investimentos estão em andamento. Estamos executando a duplicação e restauração do trecho de Sete Lagoas até Curvelo, com investimentos de R\$ 191 milhões, com conclusão prevista para meados de 2009. Além disso, estamos incluindo mais 4 mil quilômetros de estradas no programa de concessão de rodovias federais, inclusive a BR-040, com leilão de 2 mil quilômetros previstos para novembro de 2008.

Jornalista: Quais as forças políticas que tem lhe dado mais trabalho. A base aliada ou oposição?

Presidente: É evidente que quem dá trabalho é a oposição – pois sua função em uma democracia é justamente pressionar e fiscalizar o governo. A base aliada é essencial em um governo de coalizão, e a nossa experiência nesses anos todos é de que o fato de haverem idéias e projetos heterogêneos não inviabiliza de maneira alguma o diálogo, o consenso e a construção de posições comuns.

Jornalista: Alguns setores reclamam do alargamento contínuo das chamadas indenizações pelo período militar, com gastos sempre superiores ao máximo que a previdência paga aos brasileiros em geral. O senhor pensa de dar um prazo ou um limite para estes pedidos?

Presidente: Em primeiro lugar, não foi o governo, mas o Congresso brasileiro que, em 2002, ao aprovar a lei 10.559, definiu os critérios e valores das indenizações. O governo simplesmente aplica a lei – como não poderia deixar de ser, aliás. A Comissão de Anistia do Ministério da Justiça julga caso a caso



cada requerimento de indenização e aplica os critérios definidos em lei. E o fato é que a nova Comissão de Anistia tem aplicado critérios mais rigorosos na concessão das indenizações, buscando valores mais razoáveis e consoantes com a realidade brasileira. Tanto que a média do valor das indenizações caiu, e tem girado em torno de R\$ 3 500 mensais, valor próximo ao teto da previdência. As indenizações milionárias acabaram e isso é bom, pois, se por um lado valor nenhum paga o sofrimento de quem foi perseguido, torturado, preso, afastado dos familiares ou expulso do trabalho pelo Estado, por outro, ninguém precisa ficar milionário por isso. O Ministério da Justiça está estudando um projeto para definir uma data limite para entrada dos pedidos. Atualmente, há cerca de 30 000 a espera de apreciação. Ela também está trabalhando na constituição de um memorial da anistia para registrar a história e um projeto educativo voltado aos jovens –para que nunca mais tenhamos regimes autoritários no Brasil e a democracia se consolide como valor fundamental entre nós.

Jornalista: Mesmo com a turbulência na economia americana, o Brasil chega a 2008 com perspectivas extremamente favoráveis. Se pudesse enumerar os passos mais importantes a curto prazo, quais seriam?

Presidente: A crise imobiliária norte-americana era uma grande prova de fogo, e o Brasil passou. Você se lembra que antes bastava os Estados Unidos tossirem que a gente pegava pneumonia? Pois, dessa vez, embora a coisa tenha sido muito séria, nós não naufragamos na turbulência. Veja que a maior parte dos indicadores financeiros do Brasil já voltaram aos níveis de antes da crise. A grande dúvida agora, claro, é a intensidade da desaceleração do crescimento nos EUA e o impacto que isso terá no restante da economia mundial e, por conseqüência, em nossas exportações. Mas, graças à seriedade



com que administramos a economia brasileira, sem mágicas fáceis, conquistamos um excelente superávit comercial e um alto nível de reservas internacionais. E o ciclo de crescimento vivemos hoje é puxado basicamente pela demanda interna – ou seja, pelo consumo das famílias brasileiras e por nosso investimento público e privado. A redução da miséria e o aumento da renda e do consumo no País estão impulsionando o crescimento da economia e vice-versa, em um ciclo virtuoso de desenvolvimento.

Jornalista: De operário a presidente de uma das maiores economias do mundo, quais as mudanças mais significativas no brasileiro Luis Inácio Lula da Silva?

Presidente: Eu continuo sendo o mesmo de antes, e é por isso não me preocupo também com o que serei depois que deixar o Palácio do Planalto. Quando penso naquele dia, em dezembro de 1952, quando minha mãe, meus irmãos e eu pegamos o pau-de-arara em Pernambuco e viajamos 13 dias até chegar em São Paulo, ainda me surpreendo com os caminhos que Deus escolheu para mim. Mas tenho a plena consciência de que, se hoje sou Presidente da República, não o fui por méritos pessoais, mas porque sou uma expressão da classe trabalhadora deste País.

Jornalista: O Presidente gostaria de voltar em 2014, caso termine o seu mandato cercado da popularidade que goza atualmente? E se o povo quisesse um terceiro mandato agora em 2010? As pesquisas mostram que se fosse feito um plebiscito hoje o Sr. teria mais de 70% de aprovação popular.

Presidente: Não há a menor hipótese de um terceiro mandato, isso seria



brincar com a democracia brasileira. Quando terminar meu mandato na Presidência, em 2010, quero voltar para a minha amada São Bernardo do Campo e andar de cabeça erguida ao lado dos meus velhos companheiros de movimento sindical. Aí vou pescar, descansar e fazer aquele meu coelhinho assado, que eu adoro. Quanto a 2014, se eu estiver vivo já dou graças a Deus.

(\$31DHKLP)